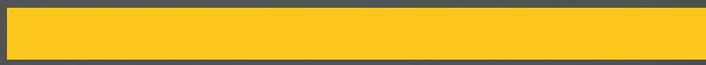




Contrabando
de cocaína
em
2011



Produzido para o
ESCRITÓRIO DE POLÍTICA NACIONAL
DE CONTROLE DE DROGAS

Contrabando de cocaína em 2011



Contrabando de cocaína em 2011

Fluxo de cocaína para os mercados globais

A quantidade de cocaína partindo da América do Sul manteve-se relativamente nivelado em 2011, de 833 toneladas métricas em 2010 para 847 toneladas métricas em 2011. A maior parte desta cocaína, 64%, provavelmente estava destinada para os Estados Unidos. O fluxo global de cocaína é calculado combinando as estimativas de fluxo da base de movimento, de consumo, e de produção da cocaína. As lanchas do estilo Go-fast¹ eram o método principal de transporte para mover a cocaína da América do Sul para a América Central

Os dez maiores países consumidores de cocaína de 2011, classificados por prevalência

	Número estimado de usuários de cocaína ¹	Taxa de prevalência anual relatado pelo país ²	Mudança na taxa de prevalência desde 2007
 Espanha	823,515	2.6%	↓ 0.4
 Argentina	690,430	2.6%	↔
 Reino Unido	1,037,008	2.5%	↓ 0.1
 México	1,779,649	2.4%	↑ 0.2
 Estados Unidos	5,332,584	2.2%	↓ 0.8
 Itália	884,827	2.2%	↑ 0.1
 Peru	258,922	1.4%	↔
 Bolívia	139,214	0.8%	↓ 0.9
 Alemanha	484,609	0.9%	↑ 0.2
 Brasil	954,338	0.7%	↔

¹ O número de usuários é calculado ao somar o número de usuários compulsivos e moderados, que se calcula ter consumido no último mês, com os usuários recreativos, que se calcula ter consumido no último ano, mas não no último mês.

² A taxa de prevalência anual é uma estimativa das Nações Unidas do percentual da população de um país que foram usuários de cocaína no último ano. As taxas de prevalência do Peru e México são obtidas através de fontes alternativas.

Figura 1. Os Estados Unidos continuam a ser o país de maior consumo de cocaína mundialmente, mas a porcentagem da população dos EUA que se calcula ter usado cocaína regularmente, diminuiu desde 2007.

¹ Um tipo de embarcação marítima, tipicamente um barco de casco aberto de 28-45 pés com um ou mais motores de popa de alta potência, capaz de navegar a mais de 25 nós em águas rasas; uma lancha estilo go-fast pode normalmente carregar 2 toneladas métricas de cocaína.

e ao Mar do Caribe, para o transbordo. Traficantes predominantemente usaram veículos particulares para transportar a cocaína pela América Central e México aos Estados Unidos. A cocaína destinada para outros lugares além dos Estados Unidos, foi contrabandeada principalmente em contentores marítimos comerciais.

Em 2011, o consumo da cocaína nos Estados Unidos diminuiu pelo quarto ano consecutivo, enquanto o consumo na África, Europa Oriental e Ásia aumentou ligeiramente. Os Estados Unidos foram responsáveis por 46% do consumo global de cocaína, seguido pelo México e Brasil, responsáveis por 5% cada.

Consumo de cocaína

As Américas foram responsáveis por 70% do consumo global de cocaína em 2011. A América do Norte continua a ser responsável por mais da metade do consumo global; os Estados Unidos são os consumidores principais apesar de seu consumo ter diminuído consideravelmente desde 2007. Em 2011, O México empatou com o Brasil como segundo maior consumidor de cocaína. O restante da cocaína além das Américas foi em grande parte consumido na Europa Ocidental.

Zona de origem da cocaína: América do Sul



Figura 2. Estima-se que 847 toneladas métricas de cocaína² com qualidade de exportação partiram da América do Sul para mercados exteriores em 2011.

² Cocaína com qualidade de exportação é a pureza média da cocaína HCl que parte da América do Sul. Tipicamente inclui impurezas do processo de produção e possivelmente adulterantes acrescentados após a conclusão do processo de produção.

A cocaína colombiana foi responsável por quase 41% da cocaína disponível para exportação para outros países em 2011. A quantidade de cocaína disponível para partir de um país de origem a cada ano baseia-se em vários fatores: produção estimada, pureza, um lapso de tempo baseado nas conclusões do DEA^{3,4} (Agência dos EUA de Combate às Drogas) para dar conta do processamento e atrasos de transporte após a colheita, apreensões e consumo interno. A maior parte da produção colombiana é destinada ao mercado dos EUA, e a maior parte da cocaína peruana e boliviana é consumida na América do Sul ou transportada para mercados do hemisfério oriental, principalmente na Europa. A quantidade de cocaína colombiana disponível para exportação em 2011 diminuiu cerca de 5% em relação aos níveis de 2010, e a cocaína peruana e boliviana disponível para exportação aumentou em 16%.

Fluxo de cocaína para os Estados Unidos

A quantidade estimada de cocaína disponível para exportação da América do Sul para os Estados Unidos em 2011 diminuiu cerca de 4% desde 2010, continuando a tendência de queda que começou em 2008; esta redução de 4% é baseada principalmente em dados de produção de cocaína colombiana que é consistente com um traço de tendência de 5 anos do movimento da cocaína para os Estados Unidos. A produção de cocaína na Colômbia, que continua a ser o principal país de origem para os Estados Unidos,

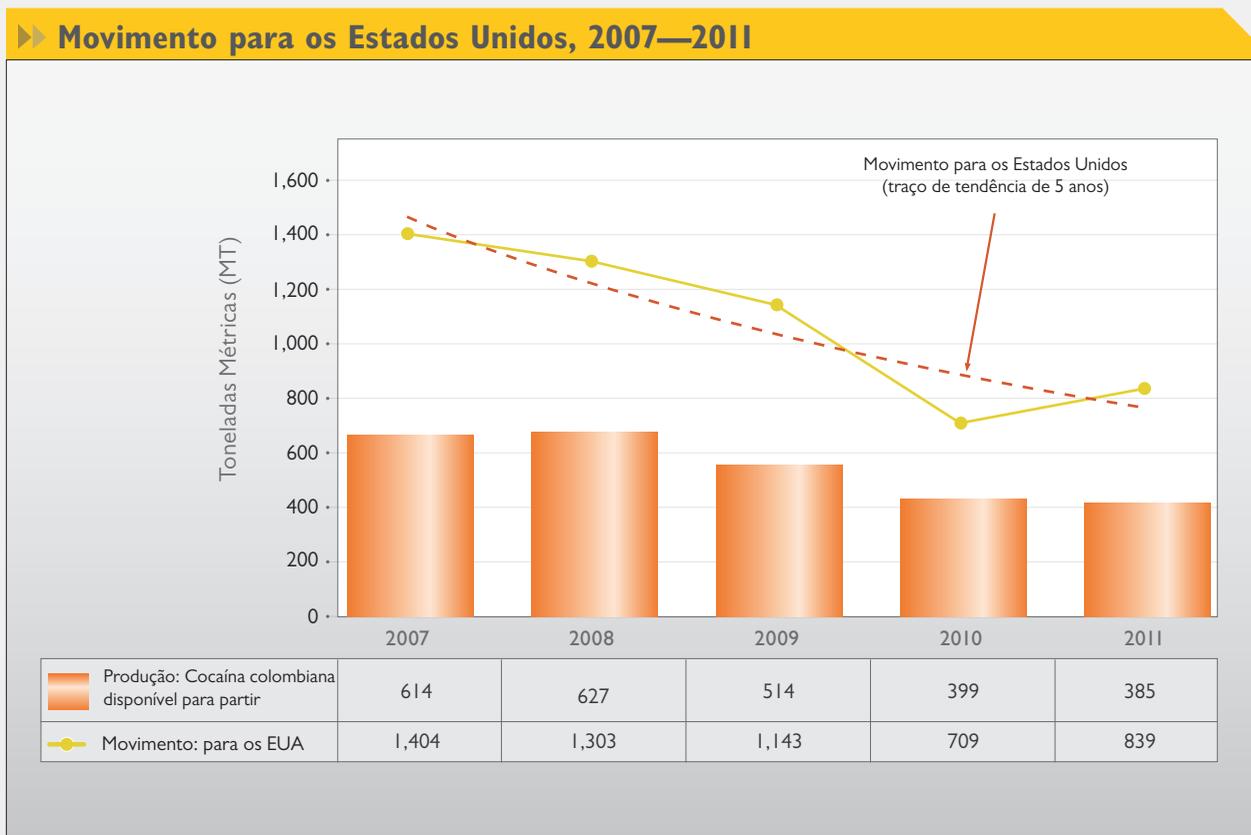


Figura 3. Os indicadores de cocaína com qualidade de exportação partindo da América do Sul para os Estados Unidos têm diminuído ao longo dos últimos 5 anos.

³ Ehleringer, J.R., Casale, J.F., Barnette, J.E., Xu, X., Lott, M.J., & Hurley, J.M. (2011). Análises de carbono 14 quantificam o lapso de tempo entre a colheita da folha de coca e apreensão de cocaína na rua. *Forensic Science International*, 7-12.

⁴ Ehleringer, J.R., Casale, J.F., Barnette, J.E., Xu, X., Lott, M.J., & Hurley, J.M. (2011). Curvas de calibração do carbono 14 para material vegetal moderno das regiões tropicais da América do Sul. *Radiocarbon*, 53(4), 585-594.

diminuiu nos últimos 4 anos. Esta tendência é consistente com o declínio do consumo nos EUA, que diminuiu em 5% de 2007 a 2011. Apesar destas tendências, em 2011 os Estados Unidos permaneceram como o maior consumidor de cocaína do mundo, sendo responsáveis por um estimado 46% do consumo mundial de cocaína.

A quantidade de cocaína colombiana disponível para exportação diminuiu em 2011 pelo terceiro ano consecutivo para o nível mais baixo desde 2000. Os níveis de pureza da cocaína produzida na Colômbia também atingiram mínimos históricos, sugerindo que traficantes aumentaram a já diminuída oferta de cocaína colombiana com aditivos. Em 2011, a cocaína colombiana era 73% pura, o nível de pureza mais baixo registrado pelo segundo ano consecutivo. Além dos níveis mais baixos de pureza, menos apreensões de cocaína na Colômbia assemelha-se à diminuição na produção colombiana: em 2011, apreendeu-se menos cocaína na Colômbia do que em qualquer outro ano desde 2002.

Partindo da América do Sul para os Estados Unidos

Em 2011, o Caribe Ocidental emergiu como a rota preferida para a cocaína saindo da América do Sul para os Estados Unidos, superando o Pacífico Oriental pela primeira vez desde 1996. A Península Goajira emergiu como uma área principal de partidas marítimas na movimentação da cocaína para a América Central. Honduras continuou a ser o principal centro de trânsito para o movimento em vôos não comerciais e na movimentação marítima no Caribe Ocidental.

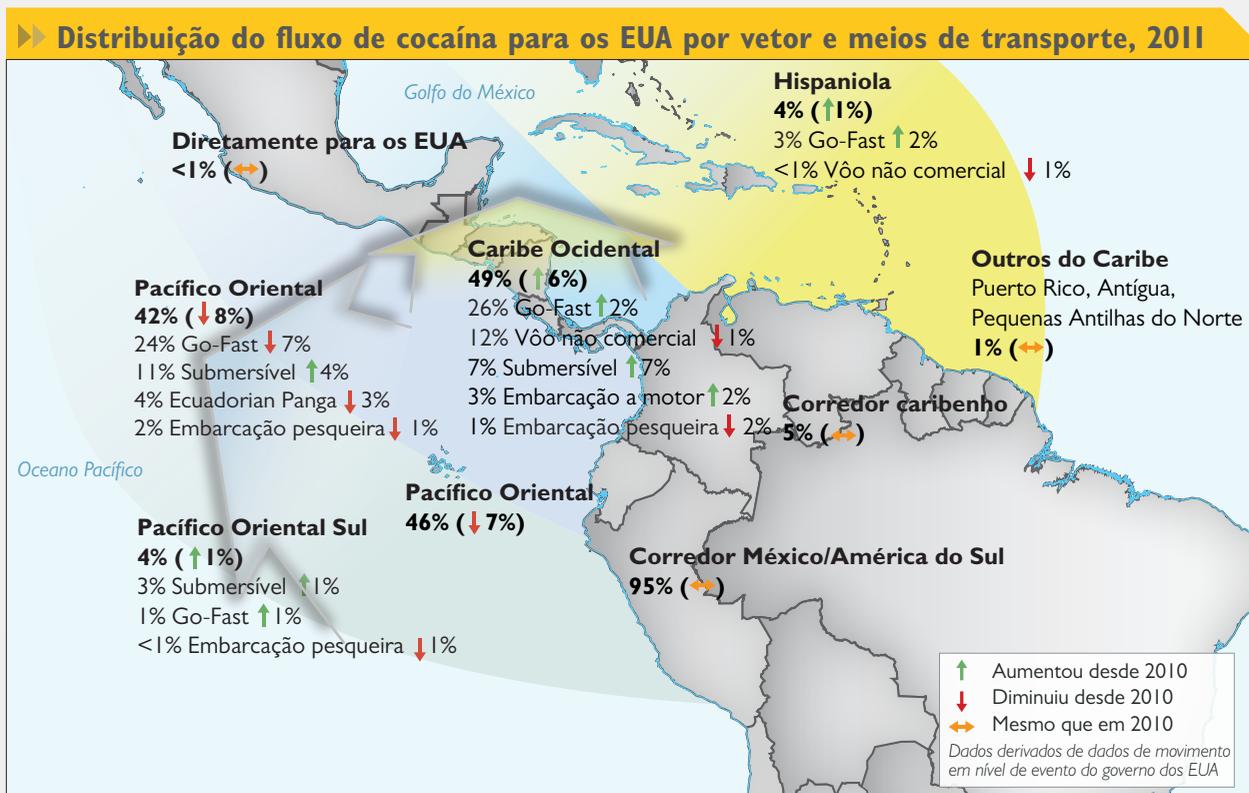


Figura 4. Traficantes aumentaram o uso de rotas do Caribe Ocidental para transportar a cocaína para os Estados Unidos em 2011.

Além de utilizar embarcações go-fast, os traficantes usaram aviões não comerciais e embarcações submersíveis para transportar cocaína para os Estados Unidos. A quantidade de cocaína que foi documentada partindo para o Caribe do Golfo de Urabá, que fica entre os Departamentos de Choco e Antioquia na Colômbia, e do Departamento de La Guajira na Colômbia, próximo à fronteira da Venezuela, aumentou significativamente em 2011.

Movimento da cocaína através da América Central

O norte da América Central é a principal área de transbordo para cocaína aos Estados Unidos. Em 2011, cerca de 329 toneladas métricas de cocaína chegaram no norte da América Central, principalmente Honduras, proveniente da América do Sul e do sul da América Central. A grande maioria da cocaína transbordada ao longo da costa Pacífica no sul da América Central é transferida de embarcações marítimas para veículos na Costa Rica para movimentação terrestre através da Nicarágua. A maior parte da cocaína que chega ao longo da costa caribenha no sul da América Central continua para Honduras em lanchas go-fast. Quantidades insignificantes de cocaína chegam ao longo da costa Pacífica de El Salvador ou da Nicarágua.



Figura 5. Honduras foi o destino principal do movimento de cocaína da América do Sul e o país principal do trânsito para movimentação subsequente de outros países da América Central em rota à fronteira EUA-México.

Zona de chegada nos EUA

A quantidade de cocaína apreendida quando da chegada nos Estados Unidos aumentou em 7% em 2011, principalmente devido às apreensões na Califórnia. Estima-se que 25,4 toneladas métricas foram apreendidas na zona de chegada nos EUA, um aumento de cerca de 24 toneladas métricas desde 2010; deste total, cerca de 10 toneladas métricas foram apreendidas na Califórnia em 2011, um aumento em relação a aproximadamente 6 toneladas métricas em 2010.

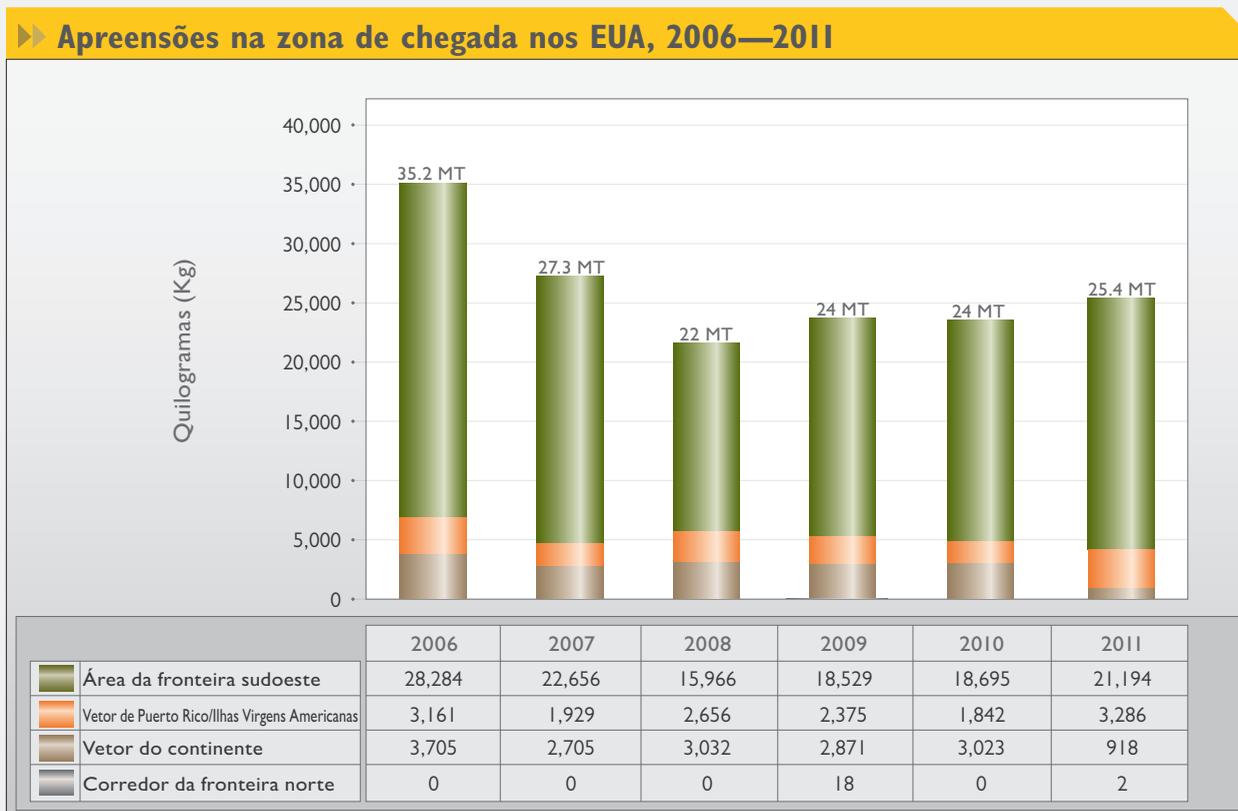


Figura 6. Durante cada um dos últimos 3 anos, cerca de 25 toneladas métricas de cocaína têm sido apreendidas quando da chegada nos Estados Unidos.

A quantidade de cocaína disponível para compra nas principais cidades dos Estados Unidos manteve-se estável entre 2009 e 2011, mas foi menos do que as quantidades disponíveis antes de 2006, um ano de pico para apreensões e disponibilidade de cocaína. A disponibilidade de cocaína nos EUA começou a diminuir em meados de 2007, resultando em preços mais altos para a cocaína, pureza inferior da cocaína, e redução da demanda. O declínio dos níveis desde 2006 resultou de múltiplas causas: os esforços anticartel do governo mexicano, apreensões significantes, altos níveis de violência entre as organizações mexicanas de tráfico de drogas, e a diminuição na produção de cocaína na Colômbia.

Tráfico transoceânico

A quantidade de cocaína saindo da América do Sul para destinos além das Américas aumentou em 2011. Peru e Bolívia são os principais países de origem da cocaína para consumo de cocaína fora das Américas. A produção elevada de cocaína no Peru e na Bolívia corresponde ao aumento do consumo na Europa, Ásia e África.

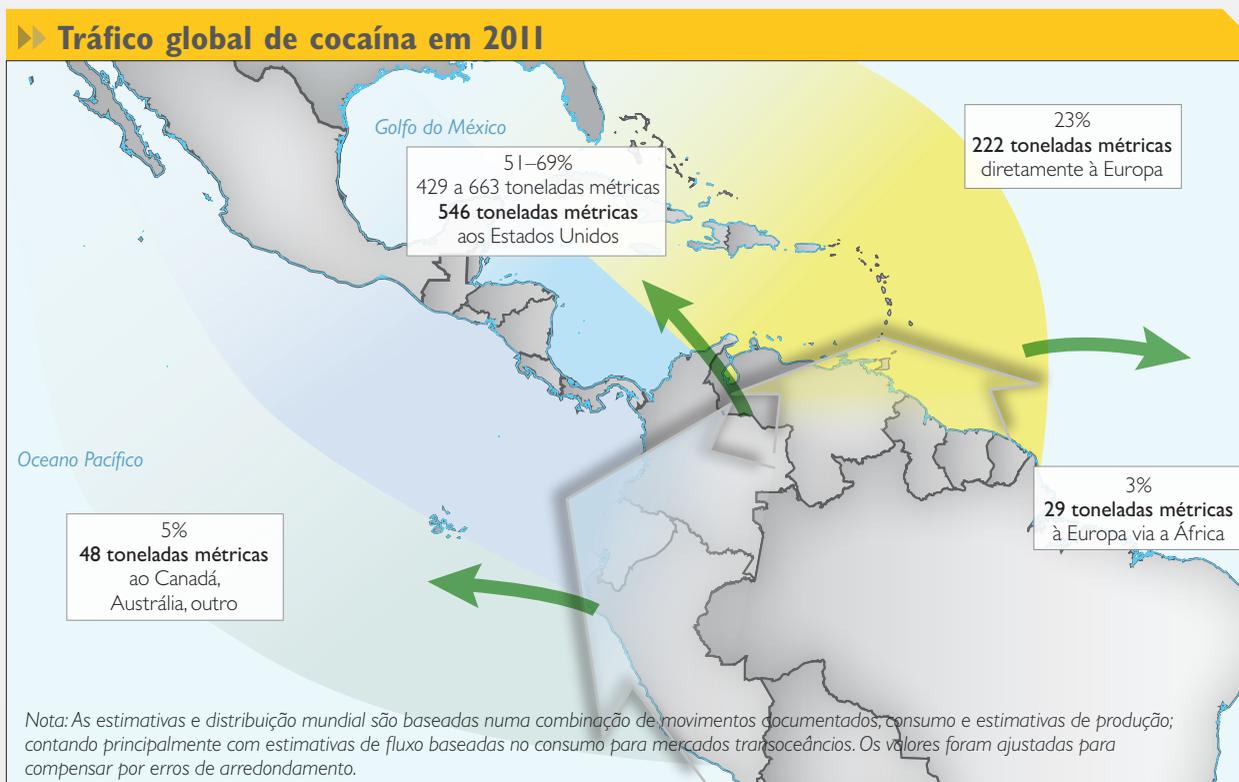


Figura 7. Fluxo global de cocaína. Estima-se que 847 toneladas métricas de cocaína com qualidade de exportação partiram da América do Sul para mercados mundiais em 2011.

Movimento transatlântico

A Venezuela é um dos principais países para transbordo da cocaína destinada aos EUA e à Europa. 25% do fluxo global de cocaína partiu da Venezuela em 2011; 15% da cocaína foi encaminhada para os Estados Unidos e 10% para a Europa. Estima-se que 25% de todo o movimento transatlântico de cocaína partiu da Venezuela, principalmente a bordo de embarcações pesqueiras ou de recreio.

Equador continua a ser um importante país de partida de carregamentos de cocaína destinados aos EUA e à Europa. Foi responsável pela maior parte das apreensões de cocaína destinada à Europa que qualquer outro país—a maior parte desta cocaína estava sendo transportada em contentores marítimos comerciais. Notavelmente, o Porto de Guayaquil no Equador, surgiu como um centro para o transbordo de cargas de cocaína destinadas aos mercados europeus em 2011.

Movimento transpacífico

Apesar da demanda por cocaína na Austrália ainda ser relativamente pequena quando comparada a outros mercados mundiais (consumo na Ásia/Oceania é responsável por menos de 3% do consumo total

mundial de cocaína), está aumentando. As autoridades australianas estão combatendo o crescimento do consumo de cocaína ao aumentar a segurança na fronteira. Como resultado, as apreensões mais que dobraram de 2007 a 2010. Várias apreensões de grande notoriedade e de muitas centenas de quilogramas em anos recentes, juntamente com o preço exorbitante da cocaína (US\$250 mil por quilograma - o mais alto do mundo), sugerem um aumento contínuo do tráfico para a ilha continente.

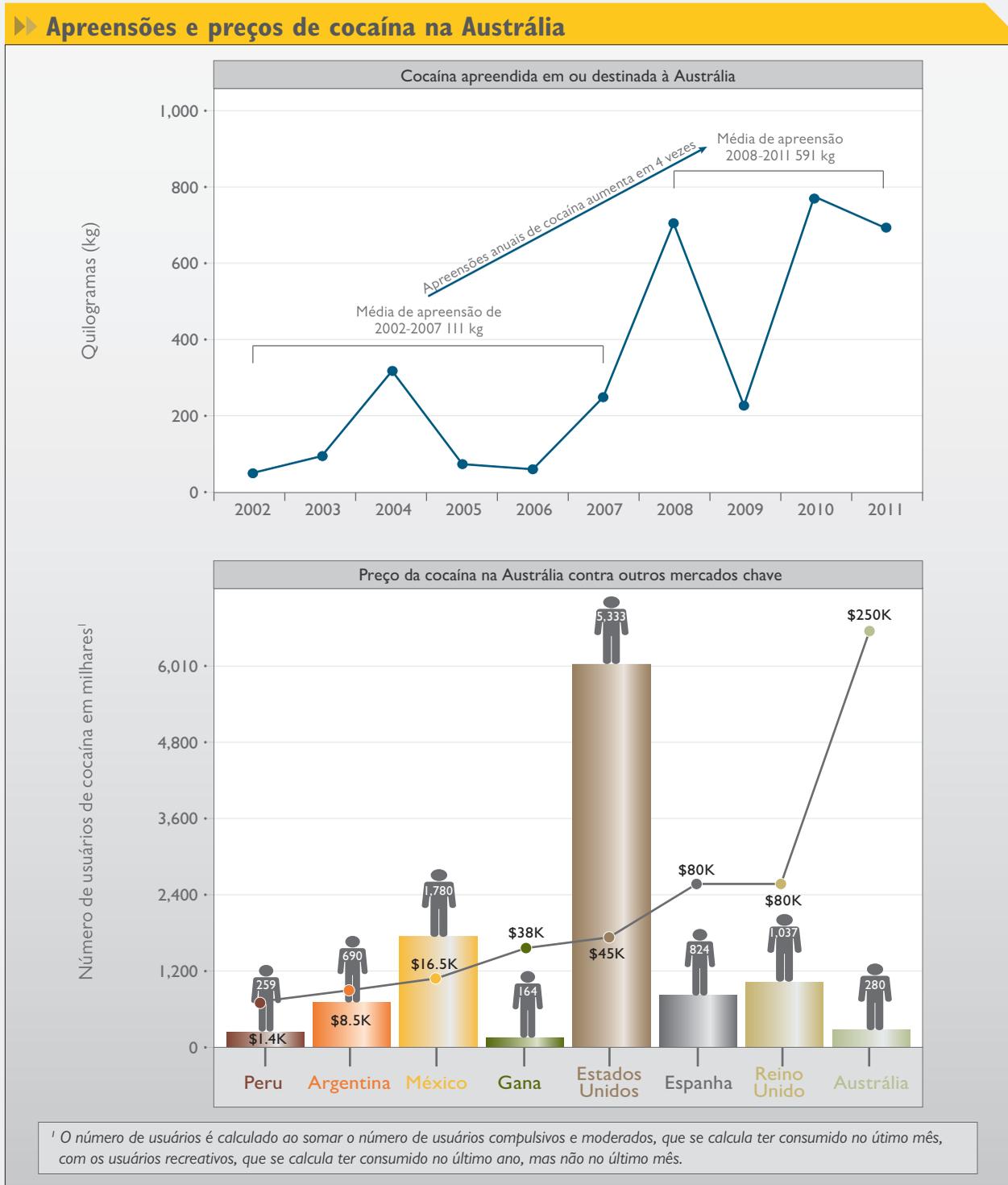


Figura 8. O preço alto da cocaína na Austrália é provavelmente a causa pelo aumento dos carregamentos. O aumento das apreensões corresponde com a população crescente de usuários.

Perdas de cocaína mundialmente

As “perdas” de cocaína incluem os montantes apreendidos pelas forças de interdição e montantes observados ou relatados como potencialmente descartados e não recuperados pelos traficantes ou pelas forças de interdição. As perdas de cocaína também podem ocorrer a bordo de uma embarcação ou aeronave que é afundada ou destruída durante operações de interdição.

Houve um prejuízo de 420 toneladas métricas de cocaína documentado em 2011, continuando a tendência de queda desde a alta de 5 anos em 2009 de 518 toneladas métricas. No geral em 2011, a zona de trânsito dos EUA foi responsável pela maior redução de perdas de cocaína documentada, uma queda de 10%, principalmente devido à menos apreensões no Pacífico. As perdas de cocaína na América do Sul (a zona de origem) diminuíram em 5% desde 2010. Enquanto a quantidade de cocaína apreendida nas zonas de trânsito e de chegada fora dos EUA diminuíram, a quantidade de cocaína apreendida na América do Sul destinada aos mercados fora dos EUA aumentaram em relação ao ano anterior.

As perdas pelos meios de transporte marítimos foram responsáveis por aproximadamente 53% da quantidade de carregamentos de cocaína interrompidos mundialmente.⁵ A interrupção de cocaína proveniente de submersíveis aumentou mais do que interrupções por qualquer outro meio de transporte, quase o triplo do valor de 2010. As interrupções de cocaína de embarcações pesqueiras e go-fasts diminuíram desde 2010, embora respondam por 17% das interrupções, go-fasts foram responsáveis pela maior parte da cocaína interrompida nas embarcações marítimas. Carregamentos contentorizados foram responsáveis por 12% das interrupções.

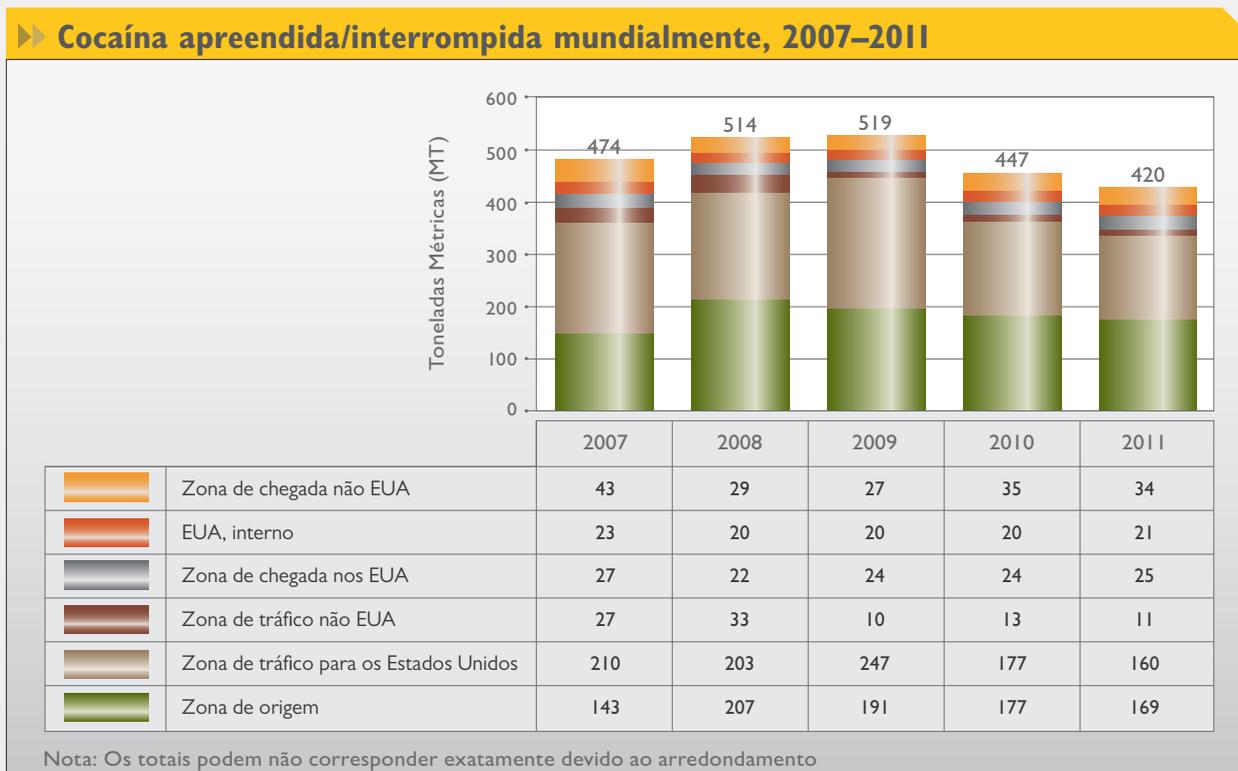


Figura 9. A quantidade de cocaína apreendida e interrompida continuou a declinar em 2011.

⁵ Drogas que são descartadas ou não recuperadas ou drogas que acredita-se que tenham sido destruídas ou de outra maneira removidas da cadeia de abastecimento de cocaína. Além das apreensões de cocaína, as interrupções são um componente das “perdas” de cocaína.



Produzido para o
ESCRITÓRIO DE POLÍTICA NACIONAL DE CONTROLE DE DROGAS